



CEREJEIRAS FORAM PLANTADAS NO CINQUENTENÁRIO

PATRICIA OZORES POLACOW
polacow@jppjournal.com.br

Em 1958, ano em que o Brasil comemorou o cinquentenário da imigração japonesa, Piracicaba também prestou suas homenagens à colônia nipônica. As festividades ocorreram em 18 de junho, conforme o **Jornal de Piracicaba** publicou neste dia. Segundo a matéria, quando os primeiros imigrantes chegaram ao país houve temor relativo às grandes diferenças culturais dos dois povos, o que poderia “formar quistos raciais inconvenientes no país”. O tempo desfez esse receio: “Hoje, uma legião de 400 mil brasileiros, de olhos amendoados, realiza uma obra magnífica de engrandecimento da pátria comum”.

As solenidades incluíram uma missa em ação de graças e “por intenção dos imigrantes japoneses falecidos”, celebrada às 9h, na Catedral de Santo Antonio por dom Ernesto de Paula, então bispo diocesano. Depois, às 10h30, na praça da catedral, foram plantadas três cerejeiras. A partir das 11h30, na sede do Piracicaba Baseball Clube, houve inauguração dos retratos dos pioneiros japoneses radicados em Piracicaba: Matazi Yeda, um dos pioneiros, que chegou ao Brasil com os primeiros imigrantes em 1908, Shitzo Yamaschita, Shigueki Takaki e Kiejo Hara, então radicados há mais de 40 anos em Piracicaba. Hayato Takematsi e Tomokiti Nishi-de receberam diplomas como homenagem à relevância dos serviços prestados à colônia japonesa de Piracicaba. Houve discursos do professor Benedito de Andrade, da Escola Sud Mennucci, e de Musahi Nishimura, presidente da comissão de festejos. Em esfera estadual, o governador do Estado, Jânio Quadros, decretou ponto facultativo. Nacionalmente, a visita a Brasília do representante do imperador japonês Hiroito, príncipe Mikasa e sua família, foi o ponto alto das comemorações.

Quem leu o **Jornal de Piracicaba** naquela quarta-feira encontrou, na primeira página, um delicado texto escrito pela professora Jaçaná Altair, esposa de Leandro Guerrini, no qual ela lamentava a impossibilidade, por motivos de saúde, de assistir aos festejos. Uma Cerejeira e Um Ipê... falava de sua convivência no magistério com as dedicadas alunas japonesas.

CEREJEIRAS

Na quinta-feira, dia 19, o jornal

deu mais detalhes sobre a cerimônia de plantio das cerejeiras, árvore símbolo do Japão: “Na praça José Bonifácio, perante grande assistência, realizou-se a cerimônia do plantio de três cerejeiras do Japão, homenagem da colônia à cidade. Junto às pequenas plantas, um marco comemorativo foi colocado, com os dizeres ‘Rosaceae Prunus S.P. Árvore comemorativa do 50º aniversário da imigração japonesa no Brasil. 18-6-1908 - 18-6-1958’.”

No ato discursaram Orlando Veneziano, representando a comissão organizadora das festividades, professor Philippe Westin Cabral de Vasconcellos, professor Belmudes de Toledo, representando o prefeito Luciano Guidotti, Kasuo Katayama, aluno da Esalq, e Domingos José Aldrovandi, presidente da Câmara de Vereadores.

Embora as festividades pelo cinquentenário da imigração japonesa tenham ocupado bastante espaço na imprensa daqueles dias, não há, na praça José Bonifácio, nem sombra das cerejeiras ou da placa comemorativa. A reportagem do **JP** esteve lá no último dia 3 observando canteiros e conversando com jardineiros, motoristas de táxi e freqüentadores do local. Nenhum deles tem lembranças desses presentes com que os japoneses agradeceram, em 1958, a cidade de Piracicaba.

O imigrante Sussumo Sato, que chegou ao Brasil em 1935, esteve na cerimônia de 1958. Ele tinha 30 anos. Conta que as árvores não sobreviveram nem um ano: “Não agüentaram o clima quente”. Segundo a bióloga e educadora ambiental Valdiza Caprânico, a cerejeira é uma árvore frágil, que precisa de muitos cuidados e é mais apropriada para o clima frio”. Em uma reportagem publicada em 22 de março de 1970, o **Jornal de Piracicaba** citou a existência de cerejeiras no jardim central da cidade, plantadas pela colônia japonesa, possivelmente após o perecimento daquelas de 1958. Mas não devem ter durado muito.

Não há notícia sobre o destino da placa comemorativa. Segundo Hugo Pedro Carradore, provavelmente desapareceu em alguma das sucessivas reformas operadas na praça José Bonifácio. “Eu estou em Piracicaba desde 1947 e desde então assisti a pelo menos quatro reformas”. O marco não consta do Inventário de Obras de Arte, Marcos Cívicos e Referenciais de Memória em Espaços Públicos, na Cidade de Piracicaba, produzido pelo Ipplap (Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba), sob responsabilidade do arquiteto Marcelo Cachioni. Em entrevista ao **JP**, Cachioni disse não ter conhecimento da placa.